

Tudo sobre a casa

A história da casa segundo Anatxu Zabalbeascoa

Ilustrações e Riki Blanco

Prefácio de João Sete Whitaker Ferreira

"O passado revela mais necessidades do que caprichos por trás das grandes decisões arquitetônicas"



do. Quando esse costume decaiu, as privadas foram camufladas e embutidas em outros móveis. Pertencente já ao tempo da camuflagem, o Palácio Real de Aranjuez conserva um landau cujo assento traseiro com um volumoso selim de couro encobre um vaso sem fundo no qual se sentavam as rainhas Maria Cristina e Isabel II ao sair a passeio. Não era algo singular: as carruagens públicas contavam com urinóis dobráveis embaixo dos seus assentos.

Hogarth retratou em suas telas ruas transformadas em esgotos e depósitos de lixo urbanos

Já no século XVI, uma época em que o asseio tinha caído em profundo declínio, o papa Clemente VII mandou decorar um banheiro com afrescos que recuperavam o estilo pompeiano. As pinturas ainda podem ser vistas nos aposentos vaticanos, mas na época consistiam apenas mais uma exceção. Dessa vez o monopólio pela higiene durou quase dois séculos. Durante o século XVII, as ruas

transformaram-se em esgotos e, ao grito de "Ai vai água!", esvaziavam-se pelas janelas baixas com água suja e urínios fedorentos. Essa cena era tão comum na vida das cidades que numerosos pintores de época plasmaram-na em suas telas. Inclusive no século XVIII William Hogarth retratou em *Noite - da série Os quatro períodos do dia* - o rudimentar sistema de eliminação de refugos utilizando-se em Londres. Mas, apesar da crítica que os pintores faziam com suas telas, seria preciso que se passasse quase um século para que as cidades começassem a mudar.

Com a rede de águas e esgotos coberta e a pavimentação, a sujeira diminuiu. O tecido de algodão e a louça barata também melhoraram a higiene na maioria das moradias. As queixas, por casos de olmo moído com ferro ou chumbo, começaram a chegar à água. Com água em casa, o banho por partes se converteu em um costume. E esse costume se estendeu à roupa e aos utensílios domésticos, resultando em pessoas mais asseadas em casas mais limpas.

Redescoberto o gosto pelo banho, sua prática sofisticou-se. Data do século XVIII o costume dos banhos de mar, até então desaconselhados pelos médicos por serem associados ao escorbuto dos marinheiros. A água do mar ficou tão na moda que chegou a ser vendida engarrafada para banhos privados durante o inverno. Houve médicos que aconselharam a ingestão de água salgada e cientistas que se recomendaram para a cura de doenças das glândulas. Por questão de saúde, ou simplesmente para seguir a moda, o costume dos banhos voltou com força em meados do século XVIII. A própria vestimenta, a simplificação das roupas ou o desaparecimento das perucas altas, anunciou um retorno da limpeza em detrimento da cobertura e do disfarce. A pele exposta começou a brilhar, desbancando as maquiagens. Filósofos como Diderot, Voltaire e Rousseau popularizaram a volta a uma vida mais natural e resgataram no público o gosto pelo exercício físico. A saúde entrou na moda, e com ela reapareceram os banhos. No início, as pessoas tomavam banho por modismo, até que, em 1777, Lavoisier expôs sua teoria sobre as trocas respiratórias pela epidemia e com o crescente número de médicos e a incipiente atenção à ciência, os banhos deixaram de ser questão de moda.

Mas o impulso radical da ciência para as questões de higiene não chegaria antes dos descobrimentos científicos do final do século XIX. Como aponta a pesquisadora Ellen Lupton: "Tomar banho era estava na moda, era raro, até que o banho recebeu a bênção da ciência". Os movimentos de saúde pública do século XIX pregaravam a relação entre saúde e limpeza, desde que em 1860 Louis Pasteur e Joseph Lister asseguraram que eram os germes, e não o ar impuro, os principais causadores das doenças.

As cozinhas, as banheiras e até os garfos escondem uma história. A vida privada diz tanto sobre uma civilização quanto a análise de suas batalhas e guerras. Em **Tudo sobre a casa**, a jornalista e historiadora **Anatxu Zabalbeascoa** analisa a evolução das residências ao longo da história e revela a origem de nossos arraigados hábitos domésticos.

Se os romanos comiam deitados, e durante a Idade Média foi imposto o costume bárbaro de comer sentado ao redor de uma mesa, os reis renascentistas, por sua vez, costumavam comer sozinhos em frente a um numeroso séquito que permanecia de pé a sua volta. As primeiras camas construídas eram estruturas elevadas para evitar umidade, correntes e ratos. E, mais do que um móvel destinado ao descanso, para a nobreza medieval o leito foi um dos epicentros da atividade social da corte, onde se recebiam visitas ou se tratavam assuntos de Estado. Os banheiros não tiveram um espaço próprio dentro da casa até o início do século XX, quando convergiram a generalização dos encanamentos, a água quente e as doutrinas higienizadoras.

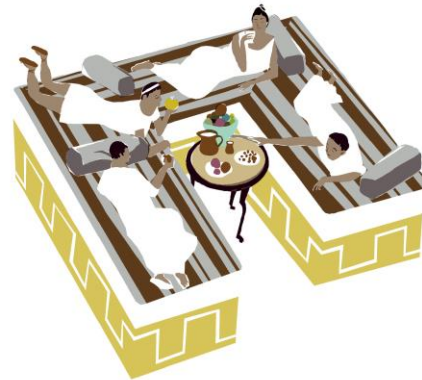
90 tudo sobre a casa

to das armas. Se o mobiliário grego foi conhecido por meio de pinturas em cerâmicas, o romano reapareceu sepultado entre os restos de Pompeia e Herculano, soterradas depois da violenta erupção do Vesúvio no ano 79 a.C. Assim – e apesar de os romanos serem práticos e possuírem poucos móveis –, sabe-se que nessa época o banquete tinha tanta importância quanto a vida nos salões durante o século XVII. E, além da colina de Palatino, onde vivia o imperador, os historiadores Georges Duby e Philippe Ariès apontam que quase todas as pessoas comuns também desfrutavam dos festins. E não havia festim sem leito. Nem sequer entre os pobres.

Em Roma não havia casa nobre que não dispusesse de várias salas de jantar reservadas para as grandes ocasiões. Quando se realizava um festim, os lugares eram ocupados segundo o status

Com esse gosto pelas celebrações, em Roma não havia casa nobre que não dispusesse de várias salas de jantar. Nelas, os lugares eram ocupados segundo o status. Os leitos, de decoração simples, ficavam no perímetro do cômodo, formando um U, orientados hierarquicamente. O dono da casa ocupava o lado direito. O desenho do mosaico que pavimentava o piso ajudou os arqueólogos a identificar esse cômodo. Durante a época do Império, as mulheres com status social suficiente para fazer parte dos banquetes – como convidadas ou afitriãs – foram adquirindo direitos nas salas de jantar: de comer sentadas passaram a fazê-lo deitadas, como os homens. Os escravos contentavam-se com as sobras dos banquetes, mas terminada a festa às vezes recebiam autorização para deitar e desfrutar dos restos.

Apesar desse ânimo "progressista", a instabilidade do Império, iniciada no século III, fez o que restava dos egípcios, assírios e gregos emigrar para a capital do novo império de Constantinápolis: a antiga Bizâncio, transformada em Constantinopla. Ali, e depois do Édito de Milão (313), que permitia a liberdade de culto, tudo mudou. Enquanto o cristianismo era uma religião perseguida, os móveis destinados às catacumbas eram eminentemente práticos. Em Constantinopla, não foram as garças egípcias a serem representadas em marfim cinzelado, mas os personagens religiosos (precursores dos ícones). E novamente o banco, a arca e o atriil foram os móveis mais utilizados.



Em Bizâncio, até o século X, a distribuição da casa era organizada pelos cortinados que separavam os cômodos e os protegiam do vento. As paredes eram revestidas com ladrilhos de cerâmica com cenas de animais. As baixelas eram guardadas em arcos de marfim esculpidos. Não se conhecem inventários que estabeleçam um lugar ou outro para os objetos da casa nem testamentos que valorem o mobiliário como um bem quantificável. As mulheres só eram aceitas nas salas de jantar durante os banquetes, caso estes não fossem festins pouco familiares. A presença de uma mulher em uma festa desse tipo era, para o marido, motivo de divórcio. As mesas eram simples tábuas sobre cavaletes, mas os *scriptoria*, muito utilizados pelos monges, tinham uma aparência arquitetônica. A arte romana transformou-se com os elementos, cores e materiais orientais. Por isso, conservam-se entre os móveis bizantinos formas da Antiguidade desaparecidas no Ocidente.

Tudo sobre a casa é uma crônica leve e apaixonante dos fatos que configuraram a evolução da casa e de nossos hábitos domésticos. Arquitetura, tecnologia e vida privada confluem nessa obra que, partindo de uma análise social e antropológica, narra a história de seis espaços – cozinha, quarto, jardim, sala e sala de jantar – para revelar a evolução de nosso próprio cotidiano. Por suas páginas não apenas desfilam Le Corbusier e Chippendale, o estilo imperial e os jardins suspensos da Babilônia, mas também inventores e decoradores, políticos e monarcas, assim como nobres, burgueses e camponeses.

Nota de imprensa

DGNG Assessoria de imprensa - Nicolau Kietzmann Goldemberg - nicolau@dgng.com.br - 11 98273-6669

O estudo de **Anatxu Zabalbeascoa** discorre paralelamente às ilustrações de **Riki Blanco**, criadas especialmente para esse relato, e que conseguem captar e levar o leitor a ambientes passados com uma acuidade excepcional. Além disso, o artista de Barcelona criou um magnífico vídeo animado com as ilustrações do livro, que pode ser visto em nosso facebook: www.facebook.com/editoragustavoqilibrasil



216 tudo sobre a casa

aberto moderno ao limite. E combinaram em espaços abertos uma moradia museu, ou uma casa-vitrine, que era, na verdade, pouco mais que um jogo de armar pré-construído em escala doméstica.

Na exposição que o Museu do Arte Moderno (MoMA), de Nova York, acolheu em 1946, *Modern Rooms of the Last Fifty Years*, todos os ambientes tinham sido planejados por arquitetos, mas alguma coisa estava prestes a mudar graças a um novo eletrodoméstico e à moda do *Do it yourself* ('faça você mesmo'), que se popularizou principalmente nos países anglo-saxões. O lugar preponderante que a antiga lareira tinha ocupado durante séculos no coração das salas foi assumido pela televisão, cuja presença estendeu-se nos anos 1940 e 1950. Com a televisão, a casa tinha um novo coração. E os móveis, e sua distribuição, organizaram-se para abraçá-la e contemplá-la. A caleficação tornou possível viver em espaços pouco compartimentados, como antigos armazéns recuperados (*lofts*); neles, ao longo dos anos 1980, as divisões entre sala de jantar, sala de estar e quarto, que tantos séculos levaram para estabelecer-se, foram eliminadas. Era, na realidade, uma maneira de aproveitar melhor o espaço que, nos apartamentos do século XX, dava razão às apertadas moradias medievais.

sala 217

De resto, os problemas do frio ainda não estavam superados quando vieram os do calor. E eles não foram tratados com os toldos, varandas, pérgulas e alpendres tradicionais, mas com uma ferramenta nova que prometia uma vida futurista: a eletricidade. Willis Carrier inventou o primeiro sistema de refrigeração de ar em 1906 nos Estados Unidos, onde Thomas Alva Edison tinha descoberto a eletricidade vinte anos antes. A segunda metade do século XX associou esse aparelho ao conforto.

Terence Conran abriu a primeira loja Habitat em 1969, e a nórdica Ikea remonta à década de 1950. O sonho de uma vida autônoma em meio a uma sociedade dependente e cada vez mais urbana tomou corpo nas grandes lojas de móveis. Numerosas salas foram decoradas segundo instruções de revistas e com móveis comprados pelo correio. De resto – e com designers, decoradores e os próprios proprietários competindo agora com os arquitetos no planejamento das salas de estar –, os móveis polivalentes caracterizariam a década de 1980, em que, já definitivamente, seriam eliminadas as fronteiras entre salas de

OS AUTORES

Anatxu Zabalbeascoa (Barcelona, 1966) é jornalista e historiadora especializada em arquitetura. Trabalha como crítica para o jornal El País e, paralelamente, escreve no blog 'Del tirador a la ciudad'. Também é autora de vários livros de arquitetura, entre eles, *Minimalismos* (2001), *Las casas del siglo* (1998) e *Vidas construídas* (1998), publicados pela Gustavo Gili.

Riki Blanco (Barcelona, 1978) é ilustrador editorial, e também colabora para a imprensa, para música e criando pôsteres. Com mais de 20 livros, seu trabalho tem sido reconhecido com prestigiosos prêmios na Espanha e no mundo.

Nota de imprensa

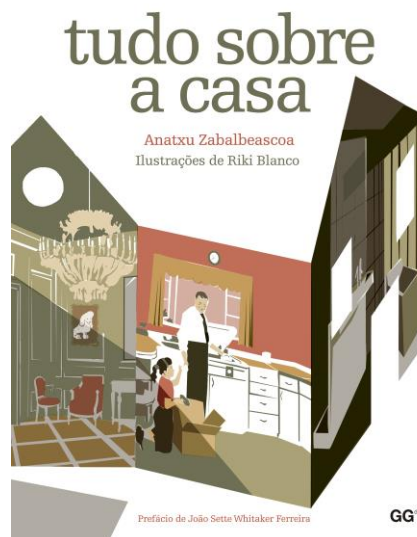
DGNG Assessoria de imprensa - Nicolau Kietzmann Goldemberg - nicolau@dgng.com.br - 11 98273-6669

GGBrasil

Editora G.Gili, Ltda Av. Jose Maria de Faria 470
Lapa de Baixo
São Paulo - SP - Brasil
cep 05038-190
Tel (11) 3611 2443
www.ggili.com.br

João Sete Whitaker Ferreira. É professor doutor nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e professor doutor associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie-SP. Vice-coordenador da Área de Concentração Habitat do Programa de Pós-Graduação da FAUUSP. É coordenador e pesquisador sênior do Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos (LabHab) da FAU USP e co-líder do Grupo de Pesquisa Projeto, Produção e Gestão da Habitação Social no Brasil, na FAU Mackenzie.

DADOS TÉCNICOS



Tudo sobre a casa

Anatxu Zabalbeascoa

17,5 x 22,5 cm

223 páginas

ISBN: 9788565985147

Capa: dura

2014

R\$ 99,00

Nota de imprensa

DGNG Assessoria de imprensa - Nicolau Kietzmann Goldemberg - nicolau@dgng.com.br - 11 98273-6669